

## Reflexões sobre o processo de individuação de Jó

*Reginaldo de Abreu Araujo da Silva*  
Mestre em Ciências da Religião – PUC-SP  
frregi@hotmail.com

**Resumo:** O objetivo deste artigo é refletir sobre o processo de individuação vivenciado pelo personagem bíblico Jó. A análise parte da psicologia junguiana e busca compreender as etapas da individuação de Jó percorrendo símbolos e situações simbólicas ao longo dos versículos do texto bíblico. A grande questão a responder é sobre o sentido do sofrimento de Jó e o aspecto que intriga é a convicção que ele tem de sua inocência. Jó só consegue superar o sofrimento quando reconhece sua sombra e as imagens monstruosas guardadas no inconsciente. O sofrimento e a queda são os condicionantes para que Jó experiencie o processo de individuação. O ego reconhece que é menor que o Si-mesmo e Jó pode reconstituir sua vida.

**Palavras-chave:** individuação; inconsciente; sombra; Si-mesmo.

**Abstract:** The objective of this article is to think about the process of the individuation lived by the biblical personage of Job. The analysis is based on the jungian psychology. It tries to understand the stages of the individuation of Job, going through the symbols and symbolic situations along this biblical text. The question is about the sense of Job's suffering. The provoking aspect is the conviction of his innocence. Job does succeed to outstrip the suffer when he recognizes his shadow and the monstrous images of this process of the individuation. Ego recognizes minor than Self and Job may restore his life.

**Keywords:** individuation; unconscious; shadow; Self.

## Introdução

No seu livro *Bíblia e Psique*, Edward F. Edinger nos informa que a “individuação é o processo do encontro e da progressiva relação do ego com o si-mesmo” (Edinger, 1990, p. 30). Ele diz também que “o Antigo Testamento documenta um diálogo contínuo entre Deus e o homem, tal como se expressa na história sagrada de Israel”. Na visão do psicólogo junguiano, a *Bíblia* é como um compêndio de encontros com o numinoso. Esses encontros são compreendidos “como representações do encontro entre o ego e si-mesmo, que é o aspecto mais importante da individuação” (Edinger, 1990, p. 32-33).

Edinger comenta também a respeito da seqüência dos livros do Antigo Testamento da *Bíblia*, dizendo que é uma seqüência significativa que “ênfatiza um processo de desenvolvimento linear compatível com a qualidade histórica da psique ocidental” (Edinger, 1990, p. 33). É uma seqüência que forma um arranjo, um todo equilibrado, constituindo-se de três blocos de livros: os históricos, os sapienciais e poéticos, os proféticos.

Nos livros chamados históricos, Israel é tomado coletivamente como nação. “As imagens da individuação têm como portador a nação como um todo, o povo escolhido.” (EDINGER, 1990, p. 33) Do outro lado há os livros chamados proféticos, sendo “cada um deles intitulado com o nome de um indivíduo importante que teve encontro pessoal com Iahweh e foi destinado a ser portador individual da consciência de Deus” (Edinger, 1990, p. 34).

Entre os livros históricos e os livros proféticos temos os livros chamados sapienciais e os poéticos, que são encabeçados pelo livro de Jó.

*Jó é o pivô da história do Antigo Testamento. (...) Aqui, pela primeira vez, um homem se encontra com Iahweh como indivíduo e não como uma função do coletivo. Da mesma forma, Iahweh não trata Jó como se ele fosse representante de Israel, e sim como um homem individual. Este livro, portanto, marca a transição da psicologia coletiva para a psicologia individual. (Edinger, 1990, p. 34)*

Eis o objeto da nossa reflexão a partir da psicologia junguiana: o indivíduo Jó do livro de mesmo nome na *Bíblia*.

Tomaremos como base a *Bíblia de Jerusalém* (2004), para a utilização do texto bíblico, e as obras do psicólogo junguiano Edward F. Edinger, quais sejam *Bíblia e Psique, simbolismo da individuação no Antigo Testamento* (1990); *Ego e Arquétipo, uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung* (1989); *A Criação da Consciência, o mito de Jung para o homem moderno* (1996) e *O Encontro com o Self, um comentário junguiano sobre as “Ilustrações do Livro de Jó” de William Blake* (1991). Com base nestas obras, faremos uma reflexão sobre o processo psicológico da individuação vivenciado por Jó.

Queremos elucidar a respeito da transcrição do nome de Deus conforme a *Bíblia*, que é Iahweh na *Bíblia de Jerusalém*, e Javé nas traduções dos teólogos, como na obra de Gustavo Gutiérrez, *O Deus da Vida* (1992), e

de Gerhard Von Rad, *Teologia do Antigo Testamento* (1973). Embora na citação das obras de apoio poderá aparecer a transcrição Iahweh, optamos por utilizar, ao longo desta reflexão, Javé.

### A análise

A visão que Edinger tem do livro de Jó, baseando-se no livro de Jung *Resposta a Jó*, é a de que a história toda do livro de Jó “é uma imagem arquetípica que retrata um certo tipo de embate entre o ego e o *Self*.” (Edinger, 1991, p. 13) Aí estão presentes o ego individual e o Si-mesmo (*Self*) que é a Personalidade Maior (Deus). E a nossa análise visa justamente o indivíduo bíblico, Jó, que está vivenciando o seu momento de encontro do ego com o Si-mesmo. Nossa análise, portanto, necessita do estudo do junguiano Edinger, pois nos fornece elementos necessários para nossa reflexão. Além disso, o próprio Edinger nos diz que “a história de Jó também pode ser considerada (...) como descrição de uma experiência individual, em que o ego experimenta seu primeiro encontro consciente importante com o Si-mesmo” (Edinger, 1989, p. 118).

Edinger nos informa que Jung, ao escrever *Resposta a Jó*, “submete o mito básico da psique ocidental a um intenso exame consciente. Ele aceita as imagens como realidade psíquica e segue as implicações delas até o fim, até chegar a suas conclusões” (Edinger, 1996, p. 61). E o que nós pretendemos aqui é compreender a realidade psíquica que o indivíduo Jó está vivenciando, pois como já nos adiantou Edinger, o “Livro de Jó é um relato da experiência real de um indivíduo” (Edinger, 1989, p. 133).

Passemos à análise do texto bíblico. Em *Jó 1,1* lê-se que Jó temia a Deus, o que para Edinger é a estrutura religiosa estabelecida. Ou seja, Jó e sua mulher têm valores transpessoais, têm religião.

Em *Jó 1,14-19* mensageiros vão à casa de Jó para dar más notícias. O primeiro diz que tribos nômades que praticavam a pilhagem mataram os servos de Jó e roubaram todos os bois e todas as mulas do seu rebanho; o segundo conta que um raio atingiu as ovelhas e os pastores do rebanho de Jó; um terceiro conta que outro grupo de nômades roubou todos os camelos e matou os servos de Jó e um quarto mensageiro conta que os filhos e as filhas de Jó estavam na casa do irmão mais velho e foram todos mortos quando um furacão desabou a casa sobre eles.

A chegada de todas estas más notícias tem um importante significado psicológico, ou seja, de que os valores transpessoais vivenciados por Jó e sua mulher “estão sendo destruídos pela energia que rompe do inconsciente” (Edinger, 1991, p. 31). Portanto, a chegada dos mensageiros com más notícias significa

*uma quebra da ordem consciente, provocada por um influxo de energia abrasadora vinda do inconsciente. Uma imagem dessas anuncia uma crise de individuação, um passo import ante do desenvolvimento psicológico que requer a destruição das velhas condições. (Edinger, 1989, p. 121)*

Podemos imaginar o olhar apreensivo de Jó e de sua mulher diante dos mensageiros, seguido da atitude de Jó de se levantar após ouvir as más notícias, rasgar o manto, raspar a cabeça e deitar-se no chão, conforme *Jó 1,20*. Esse olhar apreensivo e essas atitudes de Jó também têm seu significado psicológico, que é o de que o

ego está alerta mediante a percepção da manifestação dos sintomas do inconsciente (cf. Edinger, 1991, p. 31). Ora, se o inconsciente começa a dar sinais de sua erupção e o ego começa a entrar em ação, como veremos a seguir, é necessário notarmos, no entanto, aqui a primeira etapa do processo de individuação, ou seja, a etapa de desvestição da

*persona*, expressa no ato simbólico da desvestição do manto e da raspagem da cabeça.

Começamos, agora, a analisar o papel do ego de Jó entrando em ação.

Em 1,21b Jó tem a reação de resignação perante a perda dos servos, das propriedades e dos filhos. Ele diz: “Iahweh o deu, Iahweh o tirou, bendito seja o nome de Iahweh” (Bíblia de Jerusalém, 2004).

O ego de Jó tenta (como o ego frequentemente faz) “se ocupar dos sintomas psíquicos. Em vez de os enfrentar e deles aprender o sentido, ele os separa em frações e dissocia da consciência” (Edinger, 1991, p. 33). Assim, as perdas caíram no inconsciente. Como nos ensina Edinger, o resultado dessa artimanha do ego é que a personalidade consciente cai no esgotamento.

É o que em seguida vai acontecer com Jó, como lemos em 2,7b: “Ele [Satã] feriu Jó com chagas malignas desde a planta dos pés até o cume da cabeça” (Bíblia de Jerusalém, 2004). Este acontecimento significa que o “inconsciente, ativado, agora e derrama diretamente sobre Jó, o ego”, isto é, com o intenso esgotamento da personalidade consciente entram em colapso todas as defesas. Jó é acometido de pústulas por todo o corpo. As pústulas “representam os complexos acirrados, negligenciados, que estão a romper na consciência” (Edinger, 1991, p. 35).

A biologia nos ensina que a pele é a camada protetora do organismo. Funciona como defesa deste. Psicologicamente, a pele significa também a proteção do ego. Esta erupção do inconsciente, agora cutânea, ajuda-nos a perceber mais uma etapa do processo de desvestição da *persona*. Jó está perdendo a camada protetora; a *persona* está se desventando.

No entanto, mesmo sofrendo com as pústulas por todo o corpo, ou seja, com o inconsciente manifestando-se a ponto de sair pela pele, Jó não tem ainda o contato com o conteúdo do seu inconsciente, enquanto continua a mostrar toda sua convicção em ser inocente e reto. Ele está inconsciente da sua sombra. Não fez contato com ela. É por isso que intitulamos este artigo como reflexões sobre o processo de individuação de Jó, pois ele está vivendo o processo.

E, neste processo de erupção do inconsciente, perda da camada protetora e atuação do ego, Jó ainda não fez o contato com a sombra, que é necessário para chegar à individuação. Não fez porque estava vivenciando até aqui um ego inflado.

O próprio fato de ter aparecido Satã como meio de tentar a fidelidade de Jó e de provocá-lo a blasfemar contra Deus é uma indicação do momento psíquico que Jó está vivenciando em que o seu ego está sendo tentado a inflar-se, pois blasfemar contra Deus pode, em termos psicológicos, referir-se a “colocar-se acima dos desígnios de Deus, isto é, a identificar-se com o Si-mesmo” (Edinger, 1989, p. 120).

A identificação do ego com o Si-mesmo é o estado de ego inflado. Podemos localizar já no início do texto bíblico outro sinal da inflação do ego de Jó, que é a apresentação dele como homem mais rico do Oriente, dono de muitos rebanhos e cuja família era grande e tinha o costume de reunir-se para banquetes freqüentes,

como podemos ler em *Jó 1,2-5*. Toda esta condição de Jó corresponde “a um ego ‘seguro’ e satisfeito, abençoado pelo desconhecimento das suposições inconscientes com base nas quais se mantém essa tênue ‘segurança’” (Edinger, 1989, p. 120).

Mas, diante desse ego seguro e inflado, a sombra vai se manifestar, até porque, como dissemos acima, o inconsciente manifesta-se a tal ponto de demonstrar claramente que os ideais do ego não têm mais suporte. Vão aparecer três amigos de Jó que vão lhe “falar repetidamente a respeito de coisas iníquas e diabólicas como forma de compensar sua atitude consciente unilateral de pureza e de bondade” (Edinger, 1989, p. 127). Por isso, podemos dizer que os amigos representam a sua sombra, pois eles estão falando das coisas diabólicas que Jó não enxerga. Coisas que estão na sombra porque Jó não as enxerga conscientemente.

Os três amigos de Jó, que representam a sombra, são Elifaz de Temã, Baldad de Suás e Sofar de Naamat, que aparecem em *Jó 2,11*. Eles são os consoladores de Jó. Nesse processo psíquico de Jó, alguns aspectos da sombra vêm à consciência. “À medida que Jó perde os limites defensivos de sua personalidade consciente, os aspectos reprimidos de si próprio vêm à luz.” (Edinger, 1991, p. 41)

Mas, de início, o ego tenta driblar a sombra, não permitindo que ela atue. É por isso que os amigos de Jó sentaram-se ao lado dele e não lhe disseram nenhuma palavra, conforme *2,13*. É o ego de Jó que primeiramente amaldiçoa sua situação. Podemos dizer que o ego de Jó passou do estado de inflação para o de alienação. “Com a perda de quase tudo a que atribuía valor, Jó é jogado num agudo estado de alienação.” (Edinger, 1989, p. 122) Em *3,3*, Jó começa a amaldiçoar o dia do seu nascimento. Edinger diz que ele “dá vazão a seu desespero suicida e a sua profunda alienação da vida e de seu significado” (Edinger, 1989, p. 125).

Para Edinger, os amigos de Jó são como imagens personificadas do inconsciente pessoal encontradas ao acaso na imaginação ativa e o encontro de Jó com seus três amigos “deve ter sido um sonho numinoso que está sendo recordado em sua imaginação ativa” (Edinger, 1991, p. 47).

Após os longos discursos dos consoladores, isto é, da sombra de Jó, entra em cena no capítulo 32 uma quarta personagem, que se chama Eliú. Na opinião do nosso psicólogo junguiano, Eliú “é o aspecto da psique jovial e nova, a função não desenvolvida, a criança, o que está mais próximo do inconsciente.

Essa personagem é que é a precursora do *Self*”, compreendendo melhor, a precursora da consciência de novos aspectos do *Self* (do Si-mesmo). (Edinger, 1991, p. 57). Esta mesma idéia é-nos apresentada também pela *Bíblia de Jerusalém*, em sua *Introdução ao Livro de Jó*, ou seja, de que “Eliú antecipou em parte os discursos de Iahweh; dá inclusive a impressão de querer completá-los” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 801). Se entendemos que o *Self* (o Si-mesmo), seja Deus, então compreendemos que Eliú é quem antecipa os discursos de Deus, isto é, de Javé. Dissemos acima que o encontro de Jó com os três amigos poderia ter sido um sonho numinoso. Vejamos a referência que Eliú, que é a jovialidade da psique de Jó e que é quem antecipa os discursos de Javé, faz sobre os sonhos em *Jó 33,15-18*, dizendo:

*Em sonhos ou visões noturnas,  
quando a letargia desce sobre os homens*

*adormecidos em seu leito:  
então ele abre o ouvido dos humanos  
e aí sela as advertências que lhes dá,  
para afastar o homem de suas obras  
e proteger o poderoso do orgulho,  
para impedir sua alma de cair na sepultura  
e sua vida de cruzar o Canal.*

Diz Edinger que “o inconsciente de Jó tentou corrigir sua atitude consciente, através dos sonhos, mas sem sucesso”. Continua a dizer que “os sonhos podem ser interpretados, por conseguinte, como uma antecipação do encontro consciente entre Jó e Javé que viria a ocorrer” (Edinger, 1989, p. 133). E é isto que Eliú representa e diz quando se refere aos sonhos: a antecipação do discurso de Javé para o indivíduo Jó, e não para a coletividade.

Por fim, Jó faz a experiência do pleno *numinosum*, que é Javé, que aparece a Jó de dentro da tempestade, a partir do capítulo 38. Para Edinger, Javé é o Si-mesmo numinoso e transpessoal (Cf. Edinger, 1989, p. 133).

Edinger esclarece que o discurso de Javé “é uma revisão dos atributos da divindade e uma majestosa descrição da diferença existente entre Deus e o homem, isto é, entre o Si-mesmo e o ego” (Edinger, 1989, p. 133).

“Ao manter-se firme em sua posição e permanecer fiel a seu próprio juízo consciente, Jó não sucumbiu à condenação moral de seus ‘consoladores’ e, desse modo, ‘criou o próprio obstáculo que obrigou Deus a revelar Sua verdadeira natureza’” (Edinger, 1996, p. 67). É o que nos diz também a *Bíblia de Jerusalém*: “Jó quis disputar com Deus. Deus opõe-lhe o mistério de sua sabedoria, manifestada por suas obras” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 853).

Uma tarefa do Si-mesmo é fazer o ego ver que ele é menor que o Si-mesmo. Podemos perceber esta tarefa sendo realizada quando Javé pergunta a Jó, em *40,9*, se ele tem um braço como o de Javé ou quando, em *40,14b*, Javé afirma (perante o questionamento a Jó se ele seria igual a Javé) que Jó pode com sua direita garantir-se a salvação. Mas, após esses questionamentos e provocações, em *41,3b* Javé é explícito com Jó ao dizer-lhe que tudo o que existe debaixo dos céus pertence a Javé.

E nessa revelação de Javé (o Si-mesmo) a Jó, Javé interroga Jó utilizando interessantemente dois seres animais e monstruosos, o Beemot e o Leviatã, em *40,15 a 41,26*. Na *Bíblia de Jerusalém* encontramos a definição de Beemot como palavra plural de animal ou gado. Pode ser o animal ou a besta, não importando qual seja o monstro. Geralmente foi pensado como o hipopótamo, que simboliza a força bruta, que é dominado por Javé, mas que o homem não consegue domesticar (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 854).

Quanto ao Leviatã,

*este nome designa, propriamente um monstro do caos primitivo (...), que se pensava viver permanentemente no mar. Aplica-se aqui ao crocodilo. Mas o animal visível (...) continua a evocar neste passo a lembrança do monstro vencido por Iahweh (...), sendo o tipo das potências hostis a Deus. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 854)*

De acordo com Edinger, o Beemot e o Leviatã “representam a psique primordial” (Edinger, 1996, p. 106). Observemos que esta concepção psicológica de Edinger vai ao encontro da definição teológica da *Bíblia de Jerusalém*, enquanto ele fala do caráter primordial, a *Bíblia* fala de caos primitivo, conceitos coincidentes.

E a referência ao Leviatã como monstro do mar e ao Beemot como hipopótamo, animal que vive na água grande parte do dia, remete-nos ao simbolismo do inconsciente representado pelo mar e, ao mesmo tempo, ao inconsciente e ao Eu original onde estão as imagens e as energias não-pessoais.

Sim, porque no processo de individuação, o Si-mesmo é quem comanda o ego, podemos dizer, a psique transpessoal, que podemos chamar de Deus, de Javé, ou de Eu, é quem comanda o ego, forçando-o a confrontar-se com aquelas imagens e energias não-pessoais. Esse confronto do ego com tais imagens e tais energias é o caminho para que a pessoa vivencie o seu processo de individuação. É isto que o Si-mesmo está fazendo com Jó apresentando-lhe as imagens e as energias do Beemot e do Leviatã. Isto quer dizer, portanto, que, para que o Jó vivencie seu processo de individuação, ele necessita fazer contato com o inconsciente, onde estão as imagens desses animais monstruosos, o que até então o seu ego ainda não havia feito.

Após todo o procedimento do Si-mesmo de auto-revelar-se ao ego, constatamos em *Jó 42,2* a resposta de Jó a Javé reconhecendo que Javé pode tudo. Esse reconhecimento significa psicologicamente que o ego de Jó reconhece que o Si-mesmo é maior que o ego e só assim é que Jó pôde de fato encontrar-se com Javé e, conseqüentemente, restabelecer a unidade com Ele, o que significa que a relação psíquica entre o ego e o Si-mesmo no indivíduo Jó foi restaurada. É o que chamamos em psicologia de comunicação harmoniosa do eixo ego-Si-mesmo.

Em *42,5* Jó diz: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te vêem”. A *Bíblia de Jerusalém* nos explica que aqui não se trata de “visão propriamente dita (...), mas sim percepção nova da realidade de Deus. Jó, que possuía de Deus apenas uma idéia transmitida pela tradição, penetrou no mistério, e inclina-se perante a Onipotência” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 856).

A atitude resultante desse embate de Jó com Javé, ou seja, do ego com o Si-mesmo, é que Jó passa a encarar o interior de si mesmo e a oferecer a Javé um sacrifício pela chama. Jó tem aqui uma atitude sacrificial, quando, em *42,6b*, ele decide fazer penitência no pó e na cinza. Como diz Edinger, a atitude sacrificial confere unidade à personalidade na forma do ego. Neste momento em que Jó reconhece seu inconsciente e tem seu ego individuado, a atitude sacrificial de Jó é a atitude do seu ego que “reconhece sua posição subordinada e está preparado para servir à totalidade e aos seus fins, em lugar de fazer exigências pessoais. Jó tornou-se um ego individuado” (Edinger, 1989, p. 143).

O sacrifício de Jó é, portanto, a demonstração do que ocorre em seu processo de individuação, no qual

*as imagens e atributos do Si-mesmo são agora experimentados como coisas distintas do ego e situados acima dele. Essa experiência traz consigo a percepção de que não se é dono da própria casa. A pessoa toma consciência de que há uma orientação interna autônoma, distinta do ego e, com freqüência, antagônica a ele (Edinger, 1989, pp. 143-144)*

E, para finalizar a nossa reflexão, queremos analisar um último aspecto desse processo vivenciado por Jó. Todo processo de individuação tem como objetivo gerar uma nova postura de vida, a criação de uma nova forma de viver. Isto se dá, portanto, com Jó. O embate dele com Javé possibilita o efeito de uma nova criação. Em que sentido? No sentido de que corresponde ao que observamos “quando o ego depara com o inconsciente – com a *matéria prima indiferenciada* da psique”. Edinger continua dizendo que “freqüentes vezes se segue um processo de diferenciação criativa que resulta numa regeneração da personalidade. Isso se dá no caso de Jó” (Edinger, 1991, p. 66).

Essa diferenciação criativa é constatada no final do livro de Jó. Ao lermos os últimos versículos do livro, ou seja, os versículos de 10 a 17 do capítulo 42, somos informados de que Javé mudou a sorte de Jó, ou seja, o encontro com o numinoso possibilitou a Jó uma nova sorte. Jó recebe a visita dos irmãos, que almoçam com ele e lhe oferecem uma soma em dinheiro e anel de ouro. Jó voltou a possuir rebanhos, teve sete filhos e três filhas e sua riqueza era tamanha, a ponto de ele repartir a herança entre os filhos e as filhas, o que não era costume em Israel, sendo que a herança se repartia entre as filhas somente no caso de ausência de filhos varões (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 857). Jó viveu cento e quarenta anos, número bíblico que se refere à soma de setenta com mais setenta, ou seja, resgatando o número sete, que quer dizer no contexto bíblico que ele viveu uma quantidade de anos perfeita para realizar seu processo de individuação.

### Conclusão

Perpassamos o livro de Jó seguindo a tradução da *Bíblia de Jerusalém*. Tivemos contato com este personagem bíblico que intriga pelo sofrimento que passou.

Pudemos analisar o seu processo de individuação sob a perspectiva junguiana, seguindo a visão de Edward F. Edinger, que nos deu as condições de analisar Jó, uma vez que Edinger utiliza em suas obras o caso de Jó como exemplo para explicar o processo de individuação.

Houve um diálogo entre a psicologia junguiana, a partir de Edinger, e a teologia, a partir das notas explicativas da *Bíblia de Jerusalém*, que muito contribuíram para compreender o texto bíblico.

E quanto a Jó, podemos concluir a respeito de seu processo de individuação dizendo que para encontrar-se com o Si-mesmo, Jó teve de enfrentar seu ego inflado. Para isto, foi necessária a queda (seu sofrimento) que provocou o contato com o conteúdo do seu inconsciente e, portanto, com a sombra, que ele não conseguia reconhecer. Ao reconhecer as imagens monstruosas que estavam na sua sombra, Jó pôde reconhecer que o Si-mesmo é maior que ele. Assim foi possível a Jó encontrar-se com Javé, pois passou a reconhecer a sua realidade psíquica, composta do ego, da sombra, da *persona* e do Si-mesmo.

Neste processo de individuação, Jó pôde lançar mão da *matéria prima da psique*. Ao fazer o contato com a matéria prima do inconsciente, Jó experienciou a criatividade, refazendo sua família, reconstituindo suas posses, vivendo cento e quarenta anos.



## Referências

*Bíblia de Jerusalém*. Nova Edição, Revista e Ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

EDINGER, Edward F. *A Criação da Consciência, o mito de Jung para o homem moderno*. São Paulo: Cultrix, 1996.

\_\_\_\_\_. *Bíblia e Psique, simbolismo da individuação no Antigo Testamento*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_. *Ego e Arquétipo, uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. São Paulo: Cultrix, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Encontro com o Self, um comentário junguiano sobre as “Ilustrações do Livro de Jó” de William Blake*. São Paulo: Cultrix, 1991.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *O Deus da Vida*. São Paulo: Loyola, 1992.

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento 1, Teologia das tradições históricas de Israel*. São Paulo: Associação dos Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), 1973.